

#078 | 29 de outubro de 2023

Análises de Cenários, Ensaios, Tendências

# A VÍRGULA

Para não errar na interpretação dos fatos políticos

## PÁGINAS DE UM MESMO LIVRO

### Por que a eleição argentina é tão importante para o Brasil?

*Mudança drástica na política Argentina pode comprometer principal destino de nossa produção industrial*

#078

#### REVÉS EM MASSA

O que levou Javier Milei ao topo em tão pouco tempo; há chances de ele vencer a eleição em novembro? Pág. 9

#### ARTIGO

"O que assusta mais? O peronismo ou a postura antissistema?", indaga o cientista político Eduardo Rivas, para *A Vírgula* Pág. 17

### A marcha do parlamento

Em que momento da História o Centrão se tornou o Centrão como conhecemos hoje?

## PÁGINAS DE UM MESMO LIVRO

### Por que a eleição argentina é tão importante para o Brasil?

Brasil e Argentina são as duas maiores economias da América do Sul. As relações entre os países são sólidas e históricas, principalmente após a formalização do Mercosul, em 1991. Mais que uma parceria comercial, o bloco de países sul-americanos tem por objetivo organizar a projeção dos países como *players* na economia e na geopolítica internacional, superando a condição de áreas periféricas do capitalismo global.

Trata-se de um projeto estratégico de afirmação nacional e regional, algo replicado por outras nações desejosas de promoverem seu desenvolvimento e de terem voz ativa no contexto das nações. Ao longo das últimas décadas, esse tipo de estratégia vem sendo operada por um número cada vez maior de nações, sabedoras da importância de firmarem acordos entre si, se robustecendo para serem ouvidas e romperem a condição periférica.

Nesse sentido, dadas as relações entre Argentina e Brasil, qualquer alteração drástica no campo interno de ambos os afetará de forma substancial, transformando-se, portanto, em um elemento de especial importância para a necessária estabilidade e coordenação de esforços em torno do desenvolvimento e da superação de uma condição periférica historicamente imposta pelas nações centrais.

## PÁGINAS DE UM MESMO LIVRO

### Por que a eleição argentina é tão importante para o Brasil?

Em 2018, durante a campanha e após a vitória eleitoral em segundo turno, Bolsonaro e sua futura equipe econômica deram reiteradas declarações que sinalizavam para a dissolução do Mercosul e a busca de novas alianças, a serem firmadas de forma isolada com as nações centrais. Percebe-se nisso não apenas o desprezo pelo bloco das nações da América do Sul, mas, também, a reafirmação de um isolacionismo brasileiro diante de seus países vizinhos, algo impossível de se concretizar numa sociedade cada vez mais interligada por redes de interesses comuns.

Paulo Guedes, que atuou como superministro no período 2019-2022, manifestava indiferença para com a Argentina, mirando um novo paradigma de alianças e de projeção econômica do Brasil, o que acabou não se realizando. Esse propósito de Guedes foi vencido pela crueza histórica do próprio capitalismo e pelos interesses sólidos dos países centrais em jamais abandonar a ideia de manter uma constelação de nações em sua periferia, alimentada pelos dutos de uma dependência neocolonial e predatória.

A economia e as relações internacionais não se materializam por ideais e pressupostos imaginários. A economia é política, e, portanto, historicamente determinada pelos fatos e processos históricos que a constituíram, pela nua e crua realidade.

## PÁGINAS DE UM MESMO LIVRO

### Por que a eleição argentina é tão importante para o Brasil?

A Argentina, desde décadas, é o principal destino da nossa produção industrial, o que coloca o Brasil como o principal parceiro comercial do país vizinho. Há uma interdependência econômica forte, que se materializou de forma mais clara com a vigência dos acordos do Mercosul.

O crescimento e a viabilidade eleitoral do candidato de extrema-direita, Javier Milei, que drenou para si o voto conservador argentino – como ocorrido com Bolsonaro em 2018 e em 2022 –, despertaram grande preocupação em Brasília.

E não é para menos. Valendo-se da narrativa populista de mobilizar as massas a partir de seus ressentimentos e de suas frustrações, Milei apresentou uma plataforma disruptiva, com propostas de dolarização plena da economia, de fechamento do Banco Central, de liberação de armas e da venda de órgãos humanos, de privatização de tudo o que puder vender, de ruptura de relações com a China, o maior investidor do país, e com o Brasil, o maior parceiro comercial, para ficarmos em alguns exemplos.

O Ministro Fernando Haddad deixou clara a preocupação do governo brasileiro com a Argentina, temendo pelos reflexos econômicos e políticos que as propostas de Milei, uma vez executadas, possam provocar nas relações bilaterais e em todo o esforço de fortalecimento do bloco no contexto de uma nova ordem mundial multipolar e das consequências disso advindas.

## PÁGINAS DE UM MESMO LIVRO

### Por que a eleição argentina é tão importante para o Brasil?

A vitória de Sergio Massa, o candidato governista, respaldado pela força política que o movimento peronista – em suas múltiplas formas – exerce no país, trouxe um pouco de calma, arejando um ambiente que se apresentava asfixiante, com narrativas dando conta da vitória da extrema-direita no primeiro turno, o que não se configurou. Ainda assim, Massa é o Ministro da Economia, justamente a área que vive uma crise sistêmica, ao menos desde o início da década de 1970, o que é visto como algo paradoxal, por tratar-se do gestor da crise que, de forma incerta, não consegue debelar.

Mas Milei se construiu como um candidato disruptivo, o que gera ainda mais insegurança a um país já inseguro. Ele é uma aposta política ainda incapaz de unificar o conservadorismo argentino, especialmente o grande capital, que desconfia dos efeitos deletérios de sua agenda, da capacidade de esta dar solução aos problemas históricos do país. Esse fator vem abalando o até então propalado favoritismo da extrema-direita, cuja agenda é checada pela realidade dos fatos e questionada no tocante às suas perspectivas de êxito. Isso, aliado à máquina peronista, deu a Massa condições de colocar-se como um candidato viável no segundo turno, disputando de forma competitiva.

**Brasil e Argentina sofreram – e sofrem – com os efeitos das crises cíclicas do capitalismo ao longo da história. As duas maiores economias da América do Sul passaram – e passam – por profundas crises, com as particularidades**

## PÁGINAS DE UM MESMO LIVRO

### Por que a eleição argentina é tão importante para o Brasil?

próprias de cada uma. O Brasil começou a encontrar um rumo para a sua estabilidade a partir do Plano Real, em 1994, diferentemente da Argentina, que ainda administra sua crise com fórmulas testadas a cada novo pacote econômico.

Isso deixa o país mais vulnerável aos humores externos, tanto de outras nações como de órgãos internacionais, como o FMI, e sua população é ciente disso. É sobre ela que recaem os efeitos de medidas de austeridade cada vez mais rigorosas e inócuas no tocante à resolução da problemática interna, eficazes, apenas, para o crescimento da miséria e o aumento das desigualdades, além de uma brutal concentração de renda e riqueza nas mãos de poucos grupos e pessoas.

Somos duas economias em processo de desindustrialização, de exploração de nossas riquezas sem que se agregue o necessário valor, de predomínio do capital especulativo sobre o produtivo. O Brasil resiste de forma mais consistente a esse processo, diferentemente da Argentina, tragada na exata medida de sua incapacidade de apresentar resistências frente aos efeitos da crise sistêmica.

O segundo turno das eleições, em 19 de novembro, é crucial para o país vizinho, e para o Brasil também. Ninguém aposta em soluções mágicas de curto ou médio prazos, mas, sim, na possibilidade de se evitar, a partir da não aplicação da agenda de Milei, um

## PÁGINAS DE UM MESMO LIVRO

### Por que a eleição argentina é tão importante para o Brasil?

agravamento do cenário interno, com a transformação do país em um grande centro produtor de commodities minerais, agrícolas e pecuária – esta que já foi o sustentáculo de sua economia e avalizadora de sua prosperidade desigual em uma parte do século passado.

Por influência brasileira, a Argentina irá integrar o bloco dos BRICS a partir de 2024, algo que pode contribuir para a construção de saídas viáveis para a crise do país. Milei já manifestou seu desejo de sequer materializar essa participação, passando a impressão de que busca um isolacionismo no concerto da Nova Ordem Mundial em construção – o que é falso, haja vista suas profundas ligações com o grande capital especulativo. Isso ocorrendo levará o país, ainda mais, a uma condição de periferia do capitalismo mundial, exatamente o lugar que lhe foi reservado no concerto das políticas neoliberais.

Para o Brasil, uma Argentina forte e dinâmica é extremamente importante para a afirmação da América do Sul no cenário mundial, para a construção de um modelo regional de desenvolvimento que fortaleça esses países. Teme-se que o agravamento da crise possa provocar efeitos que ultrapassem as fronteiras do país, atingindo toda a região, em especial o Brasil, tanto no campo das relações econômicas como nas grandes levas migratórias que se formarão em busca de viabilidade para a vida de cada indivíduo.

## PÁGINAS DE UM MESMO LIVRO

### Por que a eleição argentina é tão importante para o Brasil?

O futuro está na cabeça e no desejo do eleitorado argentino, mas o mundo, e o Brasil, há muito desistiram de participar desse processo apenas como espectadores. Há interesses poderosos em jogo, e nações, organismos e grupos políticos internacionais transformaram o pleito argentino na nova arena de embate das propostas de civilização e de condução da economia, e estão operando de forma consistente.





# Revés em massa: segundo turno está em aberto

## Revés em massa: segundo turno está em aberto

Vinte anos depois, o kirshnerismo sofre um enorme desgaste. Com perdão pelo trocadilho exposto neste título, o revés em Massa é notório. Apesar de o candidato do atual presidente Alberto Fernández, Sergio Massa, ter saído para o segundo turno um pouco na frente do ultradireitista Javier Milei, é eminente a impopularidade que vive o grupo político que há mais de duas décadas domina a política argentina. A eleição no país vizinho, cujo segundo turno será em 19 de novembro, ainda está em aberto.

Alguns analistas apostam em um crescimento exponencial de Milei, uma vez que Patrícia Bullrich, a terceira colocada e também representante voraz da direita, obteve 26% dos votos no primeiro turno, encostada em seus 30%. **A conta de padaria anunciaria uma junção dos eleitores à direita em torno daquele que defende a dolarização da economia argentina\*, como solução para combater os altos índices de inflação que assombram o país. Teríamos, portanto, 56% dos votos em novembro. Acontece que essa matemática não é tão real quanto parece.**

Durante as últimas semanas, Massa cresceu exponencialmente e chegou ao segundo

### LUPA: Dolarização da economia



O uso do dólar como moeda-mãe da Argentina retiraria toda a autonomia econômica do país. Neste caso, os argentinos perderiam a capacidade de desvalorizar a moeda ou emitir dívida pública, o que em alguns momentos é necessário dentro de determinadas condições econômicas. Quando um país dolariza sua moeda, submete sua economia a uma outra realidade, que é a dos Estados Unidos.

## Revés em massa: segundo turno está em aberto

turno, ultrapassando Bullrich, utilizando-se da estratégia do medo contra a direita. As pesquisas eleitorais do primeiro turno, no entanto, apontavam para a possibilidade de Milei sair na frente. A proximidade do presidente argentino com Lula ajudou a emprestar a experiência do marqueteiro do presidente brasileiro, Sidônio Palmeira, que durante a campanha eleitoral do ano passado usou de métodos semelhantes contra Jair Bolsonaro, a seu candidato, que, por sua vez, uma capacidade ímpar de negociação de um lado a outro do espectro político, atraindo eleitores mais céticos no campo da direita, como fez o presidente brasileiro.

Até mesmo Cristina Kirshner, vice de Fernández, desacreditou da vitória de Massa ao sugerir, horas antes do pleito, que aquela eleição estava liquidada. Massa resgatou a narrativa peronista mais nacionalista, chamando a atenção para a ameaça que Milei representava para a soberania argentina, desde a iniciativa de acabar com o peso a esquecer o pedido argentino pela soberania sobre as Ilhas Malvinas. **Milei provavelmente seguirá com o mesmo discurso, pois não pode perder o capital político que arregimentou, especialmente entre os jovens da capital e do conurbano.** Mas terá de fazer algo mais.

Um sinal aos empresários, aos eleitores de Patrícia Bullrich? É de se imaginar que um núcleo duro de eleitores de direita de Bullrich migre para Milei. Mas não

## Revés em massa: segundo turno está em aberto

todos. Muitos fizeram o voto útil nela pensando que “El Peluca” (apelido dado ao ultradireitista por causa de seus cabelos desgrenhados), apesar de ter as mesmas bandeiras, era muito mais radical e pouco apresentável. Esses podem migrar para Massa, que é um camaleão político e pode fazer alianças à direita improváveis para a esquerda de sua agrupação.

O que levou Milei ao segundo turno foi mesmo a novidade. Desencantados com sucessivas administrações desastrosas, os argentinos queriam se agarrar em uma figura qualquer que ostentasse algum discurso antissistema, “contra tudo que aí está”, algo parecido com o que viveu o Brasil em 2018. **Pesquisa recente feita pela AtlasIntel mostrou que 88% dos eleitores argentinos acreditam que o país precisa de uma mudança radical e que as forças convencionais fracassaram.** Por outro lado, somente 3,5% apoia Milei em função dos valores que ele propagada, a chamada pauta de costumes, como a contrariedade ao aborto e ao “marxismo cultural”.

Milei segue o script de Steve Bannon, o marqueteiro da extrema-direita em nível mundial, repetindo na essência o mesmo discurso e postura de candidatos como Bolsonaro, Trump e Orban, para ficarmos em alguns exemplos. Esse discurso e postura se valem das realidades locais para definir a performance do candidato.

## Revés em massa: segundo turno está em aberto

Está claro que ascensão de Milei se deu mais pelos erros dos kirshneristas que por seus próprios méritos. A corrupção grassou e se tornou comum emitir moeda e distribuir subsídios de modo a criar a segunda maior inflação da América Latina, atrás apenas da Venezuela. **O jogo, agora, se mostra completamente diferente. Nesta nova fase da eleição, o peronismo tem uma chance de se reinventar, pois ainda possui sua conexão intensa com o estrato mais humilde.** A anarcodireita, por seu turno, deve suavizar um pouco mais o discurso, sem perder a própria essência que a trouxe até aqui.

Como em toda eleição, argentina ou não, no segundo turno vale tudo para vencer. Com jogo embolado e a enorme propulsão de narrativas que devem emergir nas próximas três semanas, a eleição argentina está completamente em aberto.

## O perfil dos candidatos e o que eles defendem



### Sergio Massa

Sergio Massa é atualmente Ministro da Economia do país desde agosto de 2022. Candidato pela coalizão de esquerda Unión por la Patria, sempre foi considerado um político mais à direita dentro do espectro do peronismo, quase de centro, tentando combinar as bases populares da Argentina com políticas mais à direita no campo econômico.

## Revés em massa: segundo turno está em aberto

Foi candidato nas eleições presidenciais de 2015 e perdeu contra Macri – que apoia Patricia Bullrich. Atuou como diretor executivo da ANSES, a agência de previdência social da Argentina, de 2002 a 2007. Mais tarde, ele foi chefe de gabinete da ex-presidente Cristina Fernández de Kirchner de 2008 a 2009.

Sergio Massa foi presidente da Câmara dos Deputados da Argentina entre 2015 e 2022, e foi alçado ao cargo de ministro da Argentina como parte do esforço do peronismo para se salvar frente a uma das eleições mais duras da história. É conhecido por sua flexibilidade política, já tendo flutuado entre a oposição ao kirchnerismo e atualmente está no campo mais à direita do peronismo.

### O que ele defende

A questão econômica é o seu grande desafio. As relações com o Fundo Monetário Internacional são um dos temas da agenda do próximo presidente. Para Massa, a inauguração do gasoduto Néstor Kirchner e a continuação das obras de um segundo trecho como uma das chaves para a oferta de um futuro próspero.

A formação superior e universitária é o que garante o progresso, segundo o discurso do ministro. Neste sentido, proclama que pretende incorporar a formação em tecnologia e ferramentas relacionadas com o “novo mercado de trabalho”.

Sergio Massa promete combater a insegurança e o tráfico de drogas – algo que também parece responder a alguns eixos da campanha da oposição, e que setores do peronismo consideram típicos da direita – com investimento em sistemas de prevenção e inteligência criminal.

## Revés em massa: segundo turno está em aberto



### Javier Milei

Líder do partido La Libertad Avanza e autodeclarado "anarcocapitalista", o economista e novato na política é conhecido por suas ideias e declarações polêmicas, como o fechamento (ou "dinamitar", em suas palavras) do Banco Central, a legalização da venda de órgãos humanos, a criminalização do aborto e o fim da educação obrigatória.

Antes de entrar para a vida política em 2021, Milei já era conhecido pelo público devido à sua atuação como comentarista televisivo – e por fazer parte de uma banda cover dos Rolling Stones. Apesar de ser classificado como um candidato de extrema-direita, alguns de seus posicionamentos causam surpresa dentro dos padrões conservadores, como a defesa do casamento gay, por exemplo.

Criado em um ambiente doméstico violento, ele só se reaproximou de seus pais durante a pandemia, conforme relatado pelo noticiário argentino. Apesar das limitações financeiras, Milei, que já foi goleiro do Chacarita Juniors nas categorias de base, formou-se em Economia pela Universidade de Belgrano e obteve dois mestrados na área. Além de sua carreira acadêmica, na qual lecionou por mais de 20 anos, ele também trabalhou como consultor para grandes grupos financeiros, como o HSBC, e para figuras proeminentes no meio empresarial, como Eduardo Eurnekian, um dos homens mais ricos da Argentina e principal nome da Corporación Americana Internacional.

## Revés em massa: segundo turno está em aberto

### O que ele defende

Entre as defesas do ultradireitista estão a reforma econômica, a competição cambial que poderá culminar na dolarização, a unificação da taxa de câmbio, a redução das despesas do Estado e a privatização de empresas públicas.

Em termos fiscais, as reformas contemplam a eliminação e redução de impostos, bem como retenções e direitos de exportação e todos os tipos de tarifas de importação de insumos.

Milei também é a favor da desregulamentação da posse de armas de fogo pelos cidadãos e a redução da idade de imputabilidade dos menores, proibindo a entrada de estrangeiros com antecedentes criminais e a deportação imediata de quem comete crimes no país.



# Uma pequena história argentina

Como vacas no pasto, submeteram Milei a um confinamento que garantiu que ele seria visto pela sociedade como a única alternativa real em detrimento do ‘Juntos pela Mudança’.



**Eduardo Rivas**

Cientista político argentino

(\*) Tradução: Fernando Carreiro

## Uma pequena história argentina

A **Vírgula** me pediu para partilhar uma opinião sobre o que aconteceu nas eleições do passado domingo e não tive tempo de terminar o artigo, por isso optamos, para não desiludir quem confiou em nós, partilhar uma história com os leitores.

Era uma vez um movimento político que, desde o seu nascimento, ocupou um papel central na política argentina. Desde o surgimento do peronismo, na década de 1940, a política argentina girou em torno desse movimento. Em parte por causa do seu apoio, em parte por causa daqueles que buscavam a sua destruição. A passagem do tempo, e fundamentalmente após a última ditadura militar, permitiu aos argentinos compreender que a solução não passava pela eliminação do adversário, mas pela convivência democrática entre os diferentes atores.

Foi assim que o tempo passou desde então, com alternâncias no exercício do poder, embora principalmente com governos de orientação peronista. Mas havia algo que caracterizava todos eles, a busca pela perpetuação no exercício do poder.

Carlos Menem buscou-o com a eleição presidencial e tentou buscá-lo novamente com a reeleição.

As diferentes vertentes do Justicialismo procuraram-no quando se apresentaram em múltiplas fórmulas presidenciais para competir entre si.

## Uma pequena história argentina

O casal Kirchner procurou-o alternando-se no exercício da primeira magistratura, processo que foi naturalmente interrompido com a morte de Néstor Kirchner.

E também o procurou Sergio Massa, que é presidente de fato da República Argentina há mais de um ano.

Massa sabia que uma possibilidade de ele se tornar Presidente da República de direito estava surtindo. O Juntos pela Mudança foi a força que colocou em xeque o sonho de sua vida e então ele procurou uma maneira de encontrar um contraponto.

Dado o tédio que grande parte dos argentinos têm com a democracia e a sua 'tolerância' para com um governo que, mesmo de forma autoritária garante a resolução dos problemas que os afligem, o surgimento de uma proposta 'antissistema' à direita foi apresentado como uma alternativa ao status quo.

Neste campo, esta nova liderança competiria com o 'Juntos pela Mudança' pelo papel de oponente do governo.

Mas não bastava a sua presença nos meios de comunicação social, caminho que vários líderes mundiais percorreram para se estabelecerem politicamente sem estrutura e sem experiência partidária anterior; era necessário que esta proposta fosse crível.

## Uma pequena história argentina

O Ministro da Segurança da Província de Buenos Aires, Sergio Berni, deixou claro logo após a PASO (as prévias argentinas): *“Algo aconteceu com Milei. Muitos prefeitos montaram a lista para Milei. Vamos falar das coisas como são [...] Muitos prefeitos, nossos e da oposição também, abusando da falta de capacidade e estrutura política que Milei tinha, principalmente na província de Buenos Aires, disseram-lhe ‘Milei, vou te dar o vereadores e eu cuidarei da votação para vocês’ e acrescentou que ‘Sergio Massa vai entrar no segundo turno e vai ganhar’ porque ‘na PASO às vezes temos o luxo de enviar uma mensagem ou um sinal [...]’.* Captamos a mensagem e Sergio Massa a interpretou como poucos. Então, no segundo turno, ele vencerá”. Porque aí estava a chave, para que a história fosse crível, certas circunstâncias tiveram que ocorrer, e é por isso que o peronismo ‘ajudou’ não só a cuidar dos boletins de voto nas assembleias, mas também a colocá-los dentro da urna e ‘engordou’ Milei. Após a PASO, Milei apareceu como a principal opção alternativa ao governo.

Como vacas no pasto, submeteram Milei a um confinamento que garantiu que ele seria visto pela sociedade como a única alternativa real em detrimento do ‘Juntos pela Mudança’.

E quando chegou a hora da tarefa, eles fizeram o que tinham que fazer, pararam de cuidar da cédula da Milei e pararam de colocar na urna. É falso que ‘todos os novos

## Uma pequena história argentina

eleitores que participaram nas eleições gerais sem terem participado no PASO votaram em Massa'; a realidade é que esta percentagem variou muito, e grande parte foi para Milei. A chave é que os votos que tiveram ganhou peso, sua candidatura voltou ao seu verdadeiro dono, o Peronismo, deixando de fora da disputa quem até recentemente era a alternativa ao Peronismo, 'Juntos pela Mudança'.

A PASO resultou nas fórmulas encabeçadas pelo Ministro da Economia, Sergio Massa, o mesmo que elevou a inflação a mais de 112% ano a ano, a pobreza a mais de 40% da população, somado ao fato de duas em cada três crianças menores de 16 anos serem pobres, e ao deputado Javier Milei, que com a ultradireita, ultramontano e propostas antissistema propõem um salto para o vazio.

O resto do espectro político, e fundamentalmente os membros do 'Juntos pela Mudança', são então confrontados com o dilema do que fazer.

Os primeiros a se apresentarem foram Patricia Bullrich e Luis Petri, integrantes da chapa presidencial que concorreram no último domingo pelo 'Juntos pela Mudança'. Incentivados pelo ex-presidente Mauricio Macri, procuraram demarcar o território. O problema é que vários jogadores optaram por não estar nesse jogo.

## Uma pequena história argentina

Diante do esquema proposto, sem capacidade de atuar pelos canais naturais, já que é (ou foi) membro do 'Juntos pela Mudança' e, sem querer esperar quatro anos para se vingar, Macri tentou 'mexicanizar' o projeto e protegê-lo com líderes e propostas.

E, no meio de tudo, os cidadãos.

Como disse Jorge Luis Borges, ao referir-se a Buenos Aires num poema de sua autoria: "Não estamos unidos pelo amor, mas pelo medo". É por isso que eu a amo tanto. Esse é o desafio, saber quanto medo existe de o outro saber em quem votar. Como as identidades são definidas "em oposição a", em vez de "a favor de", conseqüentemente será necessário analisar qual clivagem se acentua mais fortemente: se for a antiperonista, o que encorajaria o voto a favor de Javier Milei para evitar a 'Unión por la Patria', coligação liderada pelo peronismo, continua a governar; ou se o antissistema, que apelaria ao voto a favor de Sergio Massa como um mal menor para impedir a chegada ao poder do líder libertário, cujas propostas não são definidas como a favor das ideias centrais, mas como oposição à realidade atual.

## Uma pequena história argentina

O que assusta mais? O peronismo ou a postura antissistema?

Além disso, há uma terceira opção minoritária, a noção daqueles que acreditam que não se deve escolher o mal menor, mas sim trabalhar para o bem maior. Pediram-nos um bilhete, não o fizemos a tempo e partilharmos uma história. Qualquer semelhança com a realidade é pura coincidência.

# A marcha do parlamento e a escalada do Centrão



## A marcha do parlamento e a escalada do Centrão

É verdade. Sejam quais forem os atuais mandatários do Senado e da Câmara dos Deputados, o atual presidente da República terá de lidar com eles, com o Centrão e aplicar o chamado presidencialismo de coalizão para ter governabilidade.

Mas o poder do Parlamento vem de uma escalada em nossa história (*contaremos mais adiante*), de modo que Rodrigo Pacheco (PSD), no Senado, e Arthur Lira (PP-AL), na Câmara, têm protagonizado e experimentado um auge, espécie de marcha coronelista com enfrentamento aberto a outros poderes.

Do olhar indulgente no discurso de Lula na ONU à fiscalização de projetos artísticos patrocinados por instituições como a Caixa Econômica Federal, lá estão eles, sempre em busca de controle. Principalmente Lira.

Ele negocia cargos com Lula, exige mudanças no comando e no corpo de funcionários de ministérios, entidades. Já contamos as peripécias do presidente da Câmara e esses jogos de poder, como na *edição #066 de A Vírgula*. Vamos aos acontecimentos mais atuais.

O último episódio envolveu, exatamente, a Caixa. Na quarta-feira, 25, Lula demitiu a presidente da instituição, Rita Serrano, e deu o comando do banco a um aliado de Lira, o que fez os líderes do Centrão destravarem projetos de interesse do Governo, como aquela que taxa os super-ricos.

## A marcha do parlamento e a escalada do Centrão

Curiosamente, o episódio aconteceu logo depois de uma exposição da Caixa Cultural ser suspensa, no dia 23 de outubro. A manifestação artística, intitulada “O Grito!”, mostrava em sua composição, Lira, a senadora Damares Alves (Republicanos-DF), e o ex-ministro da Economia Paulo Guedes dentro de uma lata de lixo revestida com a bandeira do Brasil.

Após a repercussão, a Caixa apontou o viés político como motivo para a suspensão, uma vez que o ato seria contra as diretrizes do programa de incentivo cultural. Desculpa padrão para recuo nesses termos – afinal, a Cultura está intrinsecamente ligada às manifestações políticas.

Sigamos. No outro lado do legislativo bicameral, **Rodrigo Pacheco investe há algum tempo no enfrentamento ao Supremo Tribunal Federal (STF).** O presidente do Senado, no início do ano, ganhou manchete nos veículos de imprensa ao afirmar que **“mandato para ministro do Supremo é discussão legítima”**. Pacheco citou ainda ser válido o debate sobre o alcance de decisões monocráticas, aquelas tomadas apenas por um magistrado.

Recentemente, tem encampado com unhas e dentes emenda constitucional que limita os poderes da Corte, projeto em apreciação no Congresso. Chamou de causa nobre a proposta. E após tal declaração chegou a se

## A marcha do parlamento e a escalada do Centrão

encontrar com ministros do STF, em espécie de jornada dupla. Pelo ato de enfrentar a Corte, foi parabenizado pelo ex-presidente Jair Bolsonaro.

## A escalada do Centrão

Como já conversamos em *A Vírgula* na edição #066, o termo “presidencialismo de coalizão” foi cunhado pelo cientista político Sérgio Abranches em 1988, bem no início do processo de redemocratização e em ano Constitucional. Objetivamente, o termo significa a forma como o poder Executivo conduz a gestão pública para garantir governabilidade ao lado do Legislativo, selando parcerias e distribuindo postos administrativos em busca de apoio político.

Apesar de ter conduzido o país por um rumo democrático e, por um tempo, equilibrado, esse tipo de relação parece ter saído do controle. Ela sempre aconteceu e os presidentes sempre tiveram de ceder, caso de Fernando Henrique Cardoso, por exemplo, para aprovar a emenda constitucional da reeleição, em 1997 – até compra de voto houve.

À época, no entanto, FHC estava empoderado com o sucesso do Plano Real e tinha um pouco mais de poder para não ser refém de interesses mesquinhos. Anos depois, o ex-presidente se disse arrependido da investida, uma vez que os mandatários governam os quatro primeiros anos já pensando na reeleição.

## A marcha do parlamento e a escalada do Centrão

Voltemos um pouco mais, todavia. Segundo o historiador Marcelo Siano, o chamado Centrão surgiu lá em 88 também, pelas mãos do ex-presidente José Sarney, que governou o país entre 1985 e 1990.

“Foi quando Sarney queria garantir seus seis anos de mandato, mas acabou conciliando apenas com cinco. Ele articulou com parlamentares e formou um grupo para tentar atingir seus interesses. Grupo que surgiu com certo viés conservador”, observa Siano.

As negociações do Centrão no estilo “balcão de negócios”, entretanto, ganharam notoriedade a partir da presidência de Fernando Collor, em 1989. Marcelo Siano explica que as pressões relacionadas ao Impeachment – Collor perdeu o cargo em 1992 – colocaram a faca no pescoço do caçador de marajás, caçado, então, pelo que se configurava como o Centrão de hoje.

Por falar em fragilidade, a ruptura do presidencialismo de coalizão um pouco mais controlado, digamos, aconteceu de forma efetiva no governo da ex-presidente Dilma Rousseff (PT). O todo poderoso Eduardo Cunha, ex-mandatário da Câmara dos Deputados, entendeu que o Parlamento poderia pedir mais, principalmente na situação de Dilma, que sofreu impeachment em 2016.

Cunha foi quem deu prosseguimento ao pedido dos juristas Hélio Bicudo, Miguel Reale Júnior e Janaína Paschoal. E o período ficou marcado pela inabilidade

## A marcha do parlamento e a escalada do Centrão

de Dilma para sustentar a relação com o Congresso. Tornou-se ainda mais popular, portanto, a ideia de que “dialogar” com o Legislativo não é apenas imprescindível, mas obrigatório. Pela sobrevivência.

Após Dilma, veio o ex-presidente Michel Temer (MDB), “filho” e “pai” do Congresso, presidente da Câmara por três vezes, orquestrador do impeachment, representante absoluto do Parlamento. Agora, chefiando o Poder Executivo. Temer era um deles. E sob esse aspecto sustentou seus dois anos de mandato, entre 2016 e 2018.

Bolsonaro começou diferente de Temer, mas terminou completamente entregue ao Centrão. Forjou um confronto no início, disse que seria diferente. Mas abriu as portas para o chamado orçamento secreto, empoderando ainda mais o esquema de distribuição de verbas pelos parlamentares a suas bases nos estados.

**A farra das negociações ganhou peso com Bolsonaro no loteamento da Codevasf (Companhia de Desenvolvimento dos Vales do São Francisco e do Parnaíba), estatal sob o controle do Centrão.**

Agora, sob Lula III, essa farra foi ampliada. Matéria especial da *Folha de S. Paulo* revelou que estoques de caixas-d’água apodrecem em redutos de parlamentares, enquanto cidades sem padrinhos políticos acabam esquecidas pelas políticas públicas.

## A marcha do parlamento e a escalada do Centrão

Não se enganem, a engrenagem da Codevasf, além do benefício ao Centrão, envolve diversas empresas privadas espalhadas pelo Brasil, as quais realizam obras e faturam milhões. A classe política “sofre” o ônus do constrangimento, mas a máquina tem diversas outras peças.

Em 2023, ao assumir o terceiro mandato e num país polarizado, Lula, mesmo com força e experiência política, não consegue se impor completamente. Tem cedido aos pedidos de Lira *a torto e a direito* para conseguir destravar pautas no Congresso.



# A VÍRGULA #078

Boletim semanal produzido por  
**Fernando Carreiro**  
*Imagem Comunicação Inteligência*



**Fernando Carreiro**  
Diretor Editorial

Com textos, análises e colaboração de:



**Felipe Izar Xavier**  
Editor-Executivo



**Marcelo Siano Lima**  
Consultor



**Rodrigo Medeiros**  
Colaborador

Confira todo nosso acervo em  
[www.fernandocarreiro.com.br/avirgula](http://www.fernandocarreiro.com.br/avirgula)